

Veículo: *Folha de S.Paulo*

Data: 4/08/2004

Autora: Eliane Cantanhêde

FHC diz que “atrito” com EUA é perder

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ironizou ontem qualquer política de confronto com os EUA: "Atritar globalmente com os EUA é perder", disse.

Para ilustrar a advertência, FHC usou uma parábola. Alguém lhe disse certa vez que precisava da sua ajuda, pois pretendia demitir um militar, e este o mataria. "Aí, eu disse: 'Não mata, porque eu não posso ajudar um defunto'."

O debate foi sobre as relações bilaterais e promovido pelo Instituto Fernando Henrique Cardoso, em São Paulo, ao qual compareceu o novo embaixador americano no Brasil, John Danilovich, antes mesmo de se encontrar com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para entregar suas credenciais. Lula se encontrou anteontem com Danilovich em um evento em Barueri (SP).

Em nenhum momento, o ex-presidente questionou diretamente a política externa de Lula, que prioriza outros países e mercados. Fez, porém, críticas indiretas, sempre dando ênfase à importância dos EUA.

"A despeito de tudo, o mercado que nos interessa, qualitativa e quantitativamente, é o dos EUA. Não podemos imaginar que podemos substituir esse mercado."

Depois de fazer um rápido histórico das relações Brasil-EUA, FHC lembrou que ele próprio é de uma geração muito mais ligada à Europa, à França principalmente: "Fui educado numa cultura de esquerda e antiamericana".

"Tudo isso, porém, para concluir que o Brasil não tem alternativa, sua ligação com os EUA não é uma questão de escolha, mas um dado da realidade".

FHC defendeu a retomada da negociação para a implantação da Alca (Área de Livre Comércio das Américas), "para que atenda a nossos interesses". Mas discordou do formato de "gôndolas", pelo qual haveria um eixo básico e comum de livre comércio entre 34 países do continente, mas permitindo ou até incentivando a proliferação de acordos em separado entre blocos e entre países.

FHC desaprovou o empenho internacional do governo de garantir vaga no Conselho Permanente de Segurança da ONU. Ele acha que, se o país conseguir o assento, não terá força para impor suas posições e terá de responder pelas decisões tomadas pelos mais poderosos.

O debate foi mediado pelo ex-embaixador brasileiro em Washington Rubens Barbosa. País está no "radar", diz embaixador.